



Revista Brasileira de História das Religiões

ISSN
1983-2850

VOLUME 18 | NÚMERO 52 | JANEIRO-ABRIL 2025

CHAMADA TEMÁTICA - África Cristã: 2.000 anos de história

 <https://doi.org/10.18764/1983-2850v18n52e25459>

Afro cristianismo: a diversidade de uma religião que se pensava ser europeia

Marco Antonio Sá

Doutor em Ciência da Religião pela
Pontifícia Universidade Católica-SP.

 <http://lattes.cnpq.br/8532323548723508>

 <https://orcid.org/0000-0003-0251-1704>

 maf.sa@terra.com.br

RECEBIDO | 18 dez. 2024 – APROVADO | 02 abr. 2025



Resumo: Este artigo pretende tratar da presença do cristianismo na África desde os primeiros séculos da nossa era, mostrando como, a partir de países como a atual Etiópia, ele se espalhou pelo norte do continente africano, muito antes da chegada dos europeus no século XV que, a partir de XVI, trouxeram versões discriminatórias e autoritárias repletas de ortodoxias geradas pelo Concílio de Trento (1545-1563) pela Reforma Protestante. O texto também fala de um dos mais significativos contatos do cristianismo católico português na África, que aconteceu, ainda no século XV, com os povos dos atuais Congo e Angola e que gerou, no Brasil escravocrata, a devoção e as festas dedicadas a N. Sra. do Rosário e São Benedito, celebradas em vários estados brasileiros e conhecidas como Congadas, Reinados e outras variações, além de ter influenciado as diferentes formas de Candomblé e a Umbanda no Brasil. Finalmente, trata da situação atual do cristianismo no continente africano, percorrendo assim um círculo de mais de 1000 anos em que o Cristianismo saiu da Palestina, se estruturou na África, atravessou o Mediterrâneo e entrou na Europa, voltando para a África com a colonização, bastante transformado.

Palavras-chave: cristianismo; África; afro-cristianismo.

Afro-Christianity: the diversity of a religion once thought to be European

Abstract: This article aims to address the presence of Christianity in Africa since the first centuries of our era, showing how, from countries such as present-day Ethiopia, it spread throughout the north of the African continent, long before the arrival of Europeans in the 15th century who, from the 16th century onwards, brought discriminatory and authoritarian versions full of orthodoxies generated by the Council of Trent (1545-1563) and the Protestant Reformation. The text also speaks of one of the most significant contacts of Portuguese Catholic Christianity in Africa, which occurred, still in the 15th century, with the peoples of present-day Congo and Angola and which generated, in slave-owning Brazil, the devotion and festivals dedicated to Our Lady of the Rosary and Saint Benedict, celebrated in several Brazilian states and known as Congadas, Reinados and other variations, in addition to having influenced the different forms of Candomblé and Umbanda in Brazil. Finally, it deals with the current situation of Christianity on the African continent, thus covering a circle of more than 1000 years in which Christianity left Palestine, was structured in Africa, crossed the Mediterranean and entered Europe, returning to Africa with colonization, quite transformed.

Keywords: christianity; Africa; afro-christianity.

Afrocristianismo: la diversidad de una religión que se pensaba europea

Resumen: Este artículo se propone abordar la presencia del cristianismo en África desde los primeros siglos de nuestra era, mostrando cómo, a partir de países como la actual Etiopía, se extendió por el norte del continente africano, mucho antes de la llegada de los europeos en el siglo XV. A partir del siglo XVI, estos trajeron versiones discriminatorias y autoritarias del cristianismo, impregnadas de las ortodoxias generadas por el Concilio de Trento (1545-1563) y por la Reforma Protestante. El texto también aborda uno de los contactos más significativos del cristianismo católico portugués en África, ocurrido aún en el siglo XV, con los pueblos de los actuales Congo y Angola, el cual dio origen, en el Brasil esclavista, a la devoción y las festividades dedicadas a Nuestra Señora del Rosario y San Benito, celebradas en varios estados brasileños y conocidas como Congadas, Reinos y otras variantes. Estas manifestaciones también influyeron en las diferentes formas del Candomblé y la Umbanda en Brasil. Finalmente, el artículo trata sobre la situación actual del cristianismo en el continente africano, recorriendo así un ciclo de más de mil años en el que el cristianismo salió de Palestina, se estructuró en África, cruzó el Mediterráneo y entró en Europa.

Palabras clave: cristianismo; África; afrocristianismo.

Introdução

A ideia do Cristianismo como uma religião fortalecida na Europa não tem respaldo histórico e é fruto de um preconceito que sempre considerou a África e os africanos como inferiores e incapazes de uma cosmovisão mais elaborada e letrada. De fato, os povos europeus absorveram um Cristianismo que saiu da Palestina e se estabeleceu e se estruturou na Ásia e principalmente na África, antes de chegar na Europa.

Mesmo os melhores teólogos africanos têm sido tentados a cair no estereótipo de que o cristianismo veio da Europa. Essa é uma visão estreita e moderna da história, que ignora o primeiro milênio do cristianismo, quando o pensamento africano moldou e condicionou praticamente todas as dioceses cristãs no mundo inteiro (ODEN, 2022, p.30)

Durante os primeiros séculos da nossa era, especialmente até o IV, cidades como Cartago e Alexandria formataram o pensamento cristão e mesmo as práticas monásticas que foram levadas para Europa. Lá, foram modificados, durante toda a Idade Média, por fatores teológicos e políticos causados principalmente pelos grandes medos da Idade da Trevas e pela Reforma Protestante. Esse Cristianismo “desafricanizado”, retornou à África com a escravidão e com a colonização e formatou novas formas de cristianismo eventualmente ligadas às crenças mais ancestrais e tradicionais da África ou totalmente delas desvinculadas.

Santa Efigênia, Santo Elesbão e o começo do cristianismo africano

Ainda que seja um personagem do cristianismo católico, a hagiografia de Santa Efigênia é um dos símbolos da presença do cristianismo na África desde o primeiro século da nossa era. Ela era uma princesa da Núbia, região onde hoje estão partes do Egito e do Sudão e, segundo o catolicismo, foi convertida ao cristianismo pelo próprio evangelista Mateus¹.

Santo Elesbão foi imperador da Etiópia no século VI e era o 46º neto do rei Salomão com a rainha de Sabá. É creditada a ele a expansão do cristianismo pela Etiópia.

Esse dois personagens foram usados pelas ordens missionárias, na catequese dos africanos trazidos para as américas como escravos.

A pesquisa de Anderson Machado e Oliveira, nos leva a entender melhor esse processo:

Esse trabalho mostra-nos que houve, efetivamente, um projeto de conversão dos negros na Cristandade colônia, sobretudo durante o século XVII, projeto esse elaborado por ordens religiosas mendicantes de cunho marcadamente urbano, nomeadamente franciscanos e carmelitas. Estes religiosos usaram a devoção dos “santos pretos” e as irmandades com estratégia para efetivação do projeto de catequese dos africanos e seus descendentes. (p. 14)

¹ Segundo algumas tradições cristãs, o evangelista Mateus morreu na África, como mártir.

A história da difusão do cristianismo no mundo começa efetivamente pela África e particularmente pelo Egito onde a viagem da sagrada família para fugir da inveja de Herodes tem uma enorme importância para o chamado cristianismo Copta².

O Evangelho segundo Mateus (Mt 2:13-15) nos conta que a Sagrada Família fugiu para o Egito para se refugiar da perseguição que acontecia na Terra Santa. As escrituras, entretanto pouco informam ou sobre os lugares visitados, sobre a duração dessa jornada e nem sobre os lugares por Ela visitados. No entanto, não há dúvidas de que essa história teve um forte apelo na imaginação do egípcios através dos séculos. Os Coptas têm muita estima pela fuga da Sagrada Família de seu perseguidor Herodes, na Palestina, para um refúgio seguro em sua terra, o Egito. [...] Igrejas e monastérios foram construídas no solo sagrado por onde as pessoas acreditam que a Sagrada Família passou. (Gabra, Loon, 2012, p. 12) (Tradução deste pesquisador)

De fato, não apenas pela história da Sagrada Família mas desde Abraão, passando por Jacó e a venda de seu filho José, até Moisés. O Egito também é parte importante da construção do livros do Genesis e Êxodo, da história judaica e, conseqüentemente, do Cristianismo.

Os Copta também têm outros motivos para se orgulhar de sua ancestralidade cristã cuja ligação direta com o Evangelista Marcos é conhecida através dos textos do historiador Eusébio (século IV) e que atribui a São Marcos a difusão do cristianismo egípcio primitivo e a fundação das primeiras Igrejas cristãs em Alexandria (Gabra, Loon, 2012, p. 14).

Há ainda uma profunda relação histórica entre o Egito e os primeiros mártires do cristianismo entre o século II e início do IV, perseguidos pelo Império Romano, especialmente durante os impérios de Diocleciano e Galério (303 a 311 d.C.). Algumas fontes apontam para milhares o número de cristãos mortos no Egito nesse período.

Por volta da metade do século II d. C. tornou-se bastante com celebrar-se o dia da morte dos mártires. Os locais onde haviam perecido eram venerados, como também suas relíquias. Os relatos de suas mortes foram escritos e se provaram grande fonte de inspiração (Hill, 2009, p. 56).

Pedro I, o patriarca de Alexandria, foi martirizado em 25 de novembro de 311, durante a Grande Perseguição³. Ele recebeu o título de Selo do Mártires e essa data passou a ter um especial significado para o calendário do cristianismo Copta, marcando a chamada “Era dos Mártires” (Gabra, Loon, 2012, p. 15).

A comemoração e veneração dos mártires como santos pelos Coptas é um significativo fator que permitiu a sobrevivência da Cristandade no Egito e marca registrada da fé Copta contemporânea (Gabra, Loon, 2012, p. 15). (tradução deste autor)

Aqueles que perdiam a vida eram celebrados como mártires – que significava “testemunhas” da fé. Esses mártires tiveram importante papel na expansão do Cristianismo porque muitos não-cristãos ficavam impressionados com sua coragem (Hill, 2009, p. 56).

² A palavra Copta vem diretamente do Árabe QPT que parece derivar do grego *aigyptos* (Egito) *aigyptioi* (egípcios) uma corruptela da antiga palavra egípcia *Hikapatah* um dos nomes de Memphis (Gabra, Loon, 2012, p. 14). Tradução deste pesquisador.

³ Nome como ficou conhecida a perseguição de Diocleciano aos cristãos. A última e mais sangrenta de todas elas.

A celebração da memória e das datas de falecimento dos mártires iniciada no Egito terá assim um importante papel no Cristianismo, especialmente o católico, como primícias da devoção aos santos.

A pesquisa de Thomas C. Oden, nos informa ainda que, se Alexandria era a referência para o cristianismo egípcio e libanês, Cartago, outra cidade africana, era a referência para o Ocidente

No mundo antigo havia somente uma cidade, ao lado de Alexandria, que era internacionalmente reconhecida no continente africano como representante de uma parte significativa da África: esta era Cartago. Para o cristianismo ocidental primitivo, Cartago era uma cidade-chave; para aqueles que estavam ao leste e ao sul da Líbia, era Alexandria. [...] A diferença entre Cartago e Alexandria era o fato de que Cartago não tinha nenhum apóstolo conhecido que pudesse se comparar a Marcos (p. 24).

Também foi na África, nos concílios de Hipona (393 d.C.) e de Cartago (397 d.C.), que se definiu o cânone do segundo testamento (N.T) (Hill, 2009, p.69) e foi lá também, em Alexandria, que comunidades judaicas que se estabeleceram em Alexandria em aproximadamente 250 a.C. fizeram a primeira tradução no primeiro testamento (A.T) para o grego, e que ficou conhecida como septuaginta. Esse era o texto usado pelos primeiros cristãos.

Personagens africanos dos primeiros séculos, como Tertuliano, Lactâncio, Cirilo, Orígenes, Dídimo, Atanásio e mesmo Santo Agostinho foram fundamentais na elaboração do pensamento cristão e da base da teologia cristã que existe até hoje.

Entre os séculos II e V d. C. a Igreja Católica teve 3 papas africanos: São Vitor I (189 - 198) São Melquíades (311 - 314) e São Gelásio (492 - 496). Uma “dinastia” que foi interrompida porque as cidades, Tunísia e Argélia, e a região de onde esses papas vieram, na “esquina africana” do Mediterrâneo com o Atlântico, foram invadidas pelo vândalos e árabes que obrigaram o cristianismo a fugir e se estabelecer na Espanha, Gália, Sicília, Itália, Grã-Bretanha e outros países europeus próximos, durante os séculos sete, oito e nove (Oden, 2022. p.71). Oden informa ainda que, a partir desses primeiros países europeus, esse cristianismo com fortes influências monásticas pacomianas⁴ e agostinianas se estabeleceu na Irlanda e a partir daí, modelou o cristianismo da Europa medieval (Oden, 2022.p. 71).

Há de se ressaltar aqui, a importância da Irlanda na difusão do cristianismo na Europa.

Philippe Rouillard também atribui a monges irlandeses do século VI a introdução da peregrinação como forma de penitência (1999, p. 47).

E assim, o cristianismo entrou na Europa...

O cristianismo africano se torna europeu

Historicamente, a Idade Média e, de modo particular, o período entre os séculos V e X, ficou conhecido como a Idade das Trevas. De fato, toda a Idade Média foi um período em que a Europa sentiu muitos medos; do mar, da guerra, da fome, da peste. Em resumo, o medo da morte e, conseqüentemente, do inferno e do diabo. É natural que esse medo também estivesse presente na formação da teologia cristã que se formatou pela Europa nesse período. “*Em todo o decorrer*

⁴ Referente a São Paconio - um monge egípcio do século III que, teve a ideia de nova forma de vida monástica: o cenobitismo ou vida comum baseada na comunhão de oração, de trabalho e de refeição, e concretizada no serviço recíproco (<https://www.paulus.com.br/portal/santo/sao-pacomio-abade/>. Acesso em 09/12/2025).

da Idade Média, a Igreja meditou sobre o fim da história humana tal como foi profetizada pelos diferentes textos apocalípticos” (Delumeau, 2019, p. 303).

Um dos mais significativos exemplos desse “cristianismo europeu amedrontado” e de sua longevidade é o livro *Missão Abreviada*, do padre católico Manuel José Gonçalves Couto, editado em Portugal em 1859⁵.

No trecho⁶ a seguir fica evidente o medo na preocupação com o futuro da alma, que ainda permanecia no século XIX

Por isso se te queres salvar, peccador, cuida já em reformar a tua vida, e fazer uma verdadeira penitencia; vai-te entregando aos jejuns, ás disciplinas, aos cilícios e ás mortificações; não digas que te dóem, porque mais ha de doer o fogo do inferno por toda eternidade; não digas que te custa, porque mais ha de custar um só momento no meio d ‘esse fogo devorador; não digas tambem que és fraco, que não podes, porque tu bem valente tens sido para offender a Deos; paga pois, porque deves; paga agora com pouco o que depois não podes pagar ainda com tormentos eternos; cuida pois já em converter-te para Deos (Couto, *Missão Abreviada*, 6ª edição, p. 83).

Na Idade Moderna, o Cristianismo europeu sofrerá a interferência das brigas políticas e religiosas e das disputas territoriais entre portugueses, holandeses, espanhóis e ingleses, causadas pela Reforma Protestante. O catolicismo será particularmente enrijecido pelas decisões do Concílio de Trento (1545-1563) e da Contrarreforma. É esse Cristianismo católico que, com mais intensidade, “retornará” à África a partir do século XV e das chamadas Grande Navegações.

O Cristianismo “retorna” à África com o rosto do catolicismo Tridentino

Ainda que os protestantes também navegassem, foram os portugueses os pioneiros e os principais navegadores e exploradores do oceano Atlântico durante o século XVI, seguidos dos espanhóis⁷.

A incursão dos portugueses pelo Atlântico, iniciada em 1415, com a chegada na cidade de Ceuta, tinha com um dos principais objetivos encontrar um caminho alternativo para as Índias, a fim de fugir do monopólio italiano sobre o comércio de especiarias no Mediterrâneo. Essa busca, conhecida como Périplo Africano, só terminou em 1488, quando Bartolomeu Dias, finalmente encontrou a “passagem” do Cabo da Boa Esperança, que permitiu que Vasco da Gama chegasse às Índias em 1498.

Nessa jornada marítima de quase um século, outros navegadores também se destacaram. Entre eles, Diogo Cão chegou à costa do Congo em 1483. Lá ele encontrou uma civilização extremamente organizada, formada por pequenos reinos chefiados por um rei maior, o mani Congo, que usavam um sistema monetário baseado em conchas e mantinham entre si um expressivo comércio de mercadorias como o marfim e artefatos de ferro que interessaram aos portugueses.

⁵ A Wikipédia afirma que este foi o livro mais editado em Portugal durante o século XIX mas não encontrei confirmação dessa informação. De qualquer modo, o livro influenciou um particular tipo de catolicismo no nordeste brasileiro, penitente e messiânico, através de personagens como o Pe. Ibiapina e Antonio Conselheiro.

⁶ Disponível para download em, <https://purl.pt/14841> e <https://archive.org/details/MissaoAbreviadaDigitalizada/mode/2up>.

⁷ Em grande parte, essa habilidade foi conseguida graças ao conhecimento obtido pelo contato com os mouros, que ocuparam a Península Ibérica entre os séculos VII e XV

Os habitantes do Congo faziam parte de um grupo étnico de centenas de povos que, apesar de terem diferenças culturais, falavam línguas de uma mesma raiz etnológica e ficaram conhecidos como povos Bantu⁸. Ocupavam a maior parte da África Central desde a costa do Atlântico e a do Índico.

Diogo Cão voltou ao Congo em 1485 com instruções da coroa portuguesa (D. João II) de estabelecer relações comerciais com os reinos congolezes, e o catolicismo veio com ele.

O Congo foi assim a porta de entrada para que o catolicismo se expandisse na África Subsaariana. Ao absorver vários dos valores do Cristianismo⁹ o Congo também facilitou sua relação com o rei de Portugal.

Marina de Mello e Souza tratou com profundidade essa relação entre os reinos do Congo e de Portugal, explicando como o catolicismo português foi absorvido pelos reinos do Congo com a presença de representantes da corte Congoleza em Portugal e vice-versa.

Disposto a abraçar a religião dos visitantes, o mani Congo enviou, em 1489, uma embaixada para o rei português (presenteado com tecidos de palmeiras e objetos de marfim) que formalizava o seu desejo de se converter ao cristianismo e solicitava o envio de clérigos, [...] Pedia ainda que alguns jovens, enviados com a embaixada, fossem instruídos na fala, escrita e leitura latinas, além dos mandamentos da fé católica. Durante todo o ano de 1490, os enviados do rei do Congo permaneceram em Portugal, aprendendo o português, os princípios do catolicismo e se iniciando nos costumes da sociedade portuguesa (Souza, 2006, p. 52/53)

Abro aqui um parêntese para comentar que a relação comercial entre a África subsaariana e portuguesas, com o envio de embaixadores a Portugal, não aconteceu apenas no Congo.

O golfo do Benin foi uma região bastante ativa no comércio transatlântico de escravos, principalmente a partir do século XVII[...] Os contatos entre europeus e os africanos na região, no entanto, datam do século XV, quando os comerciantes iorubás, ijebus estabeleceram relações comerciais com os mercadores portugueses interessados em marfim, pimenta, corais, tecidos de algodão e outros produtos. Já no século XVI, o reino de Aladá - a principal entidade política e reino escravista da região - estabeleceu contatos diplomáticos com o reino de Portugal através do envio de uma embaixada para Lisboa (Silva Jr, Carlos da. *In*: Farias, Lima e Rodrigues, 2020, p. 22)

O envio de uma embaixada do reino Daomé para a Bahia, em 1795, para negociar a exclusividade do porto de Ajudá no comércio português de escravos também é mencionado por Junia Ferreira Furtado no mesmo livro (Furtado, *In*: Farias, Lima e Rodrigues, 2020, p. 129/130)

O catolicismo que os congolezes passaram a praticar era impregnado de ritos, valores e cosmovisões africanas que continuavam a existir misturadas aos dogmas e ritos cristãos trazidos pelos portugueses. A semelhança do papel que os santos católicos e os ancestrais africanos re-

⁸ A expressão foi usada pela primeira vez em 1862 pelo filólogo alemão Wilhelm H. I. Bleck. NTU significa povo, gente ou ainda força vital. BA é o prefixo que faz o plural. Assim BANTU significa, de fato, uma multidão de pessoas, de seres humanos.

⁹ Apesar de ter acrescentado muitas de suas práticas ao modo de vida Congolês, o Cristianismo não conseguiu modificar vários costumes inerentes à cultura africana do Congo como, por exemplo, a poligamia.

presentavam nas duas culturas foi um dos fatores¹⁰ que facilitou sua fusão em uma prática que, para os colonizadores, parecia uma conversão.

Como já havia sido mencionado no início desse texto, o uso de personagens importantes no cristianismo africano do primeiro século, como Santa Efigênia e São Elesbão somados a outros santos católicos de descendência africana como São Benedito, apresentados como membros de uma ancestralidade africana, facilitou a cristianização dos povos africanos Bantu pelas Ordens Missionárias, sobretudo no Brasil colonial e escravocrata. Esse cristianismo africanizado será fundamental na formação da religiosidade popular brasileira que existe até hoje. A cultura Bantu também será o arcabouço de várias expressões da espiritualidade afrobrasileira e da formação dos diversos tipos de Candomblé que aqui se constituíram, enquanto ancestrais negros e indígenas serão cultuados como pretos velhos e caboclos na Umbanda¹¹.

Assim, o Cristianismo dos primeiros séculos, da África que margeava o Mediterrâneo, retorna, como uma suposta novidade, com a face de um catolicismo tridentino e distante das origens, para a costa africana do Atlântico, usando o Congo e depois Angola para criar novas raízes na África.

O cristianismo da África de hoje

.Em junho de 2021 a escritora e ativista feminista Nigeriana, Chimamanda Ngozi Adichie deu uma entrevista pela internet ao programa da TV Cultura, Roda Viva¹². Todas as entrevistadoras eram mulheres e o tema da maioria das perguntas foi sobre o feminismo e o papel das mulheres na África. Duas entrevistadoras, entretanto, abordaram o tema religião, sendo que uma delas, uma mulher negra¹³, pesquisadora da UFBA, se identificou como pertencente ao Candomblé, filha de Oxum e perguntou sobre o papel da religião na construção de um novo modelo de sociedade. Chimamanda respondeu que em toda África o Pentecostalismo cristão é esmagador e que a colonização fez com que as Religiões Tradicionais Africanas (RTA) fossem vistas como coisas ruins, más, de modo que há poucos jovens¹⁴ falando delas. Sem, portanto, sequer mencionar o nome de qualquer Orixá, Chimamanda disse que foi criada no Catolicismo e que o sul da Nigéria adotou o Cristianismo como padrão, enquanto o norte assumiu o Islamismo. Sugeriu que seria importante “africanizar” o Cristianismo.

A resposta de Chimamanda é parte de uma história que começa na interface entre o período final do tráfico negreiro e da escravidão e o início a colonização da África, nos séculos XVIII, XIX e XX.

¹⁰ Sacerdotes, objetos sagrados e a própria figura da cruz, já conhecida e usada pelo povo congolês com outro significado, foram outros fatores comuns de facilitação da mistura das cosmovisões.

¹¹ O culto a Caboclos e Pretos Velhos só se tornou possível por causa da reverência dos povos Bantu à ancestralidade como intermediários entre os mundos natural e sobrenatural. Além disso, o Candomblé Congo/Angola, firmou a base onde outros Candomblés se organizariam com a chegada posterior dos povos Jêjes e Yorubás, especialmente na Bahia,

¹² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pxe92zWOotE>.

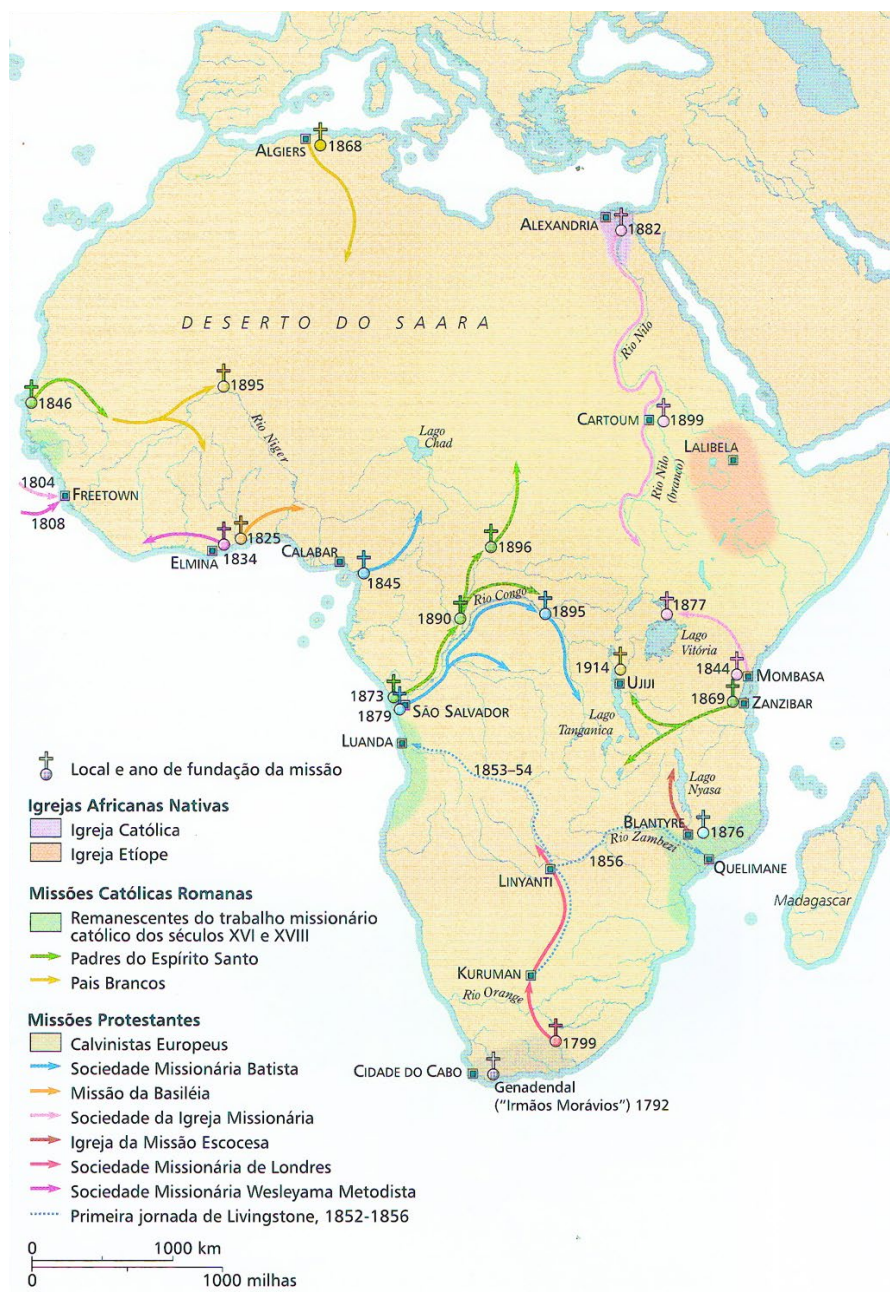
¹³ Carla Akotirene

¹⁴ Olupona traz uma informação diferente ao afirmar que “há um aumento do culto e das atividades ocultas entre os estudantes das universidades nigerianas” (p. 135). A informação de Chimamanda pode ser fruto de seu pouco contato com essas universidades já que ele estudou mais tempo nos EUA.

Segundo Hill, a partir do final do século XVIII e durante o XIX as missões protestantes superaram as católicas na missão de levar o cristianismo aos outros lugares do mundo, fora da Europa. (2009, p. 374).

O mapa abaixo mostra as diversas missões cristãs que chegaram à África no século XIX.

Figura 1 – Missões europeias do século XIX para a África.



Fonte: Hill, 2009, p. 387

Ainda segundo o mesmo autor, sociedades missionárias protestantes começaram a surgir a partir do final do século XVII tais como a Sociedade Missionária Batista (BMS - 1792), a Sociedade Missionária de Londres (LMS – 1795) e a Sociedade Missionária da Igreja (CMS – 1799)

Pelo menos em seu início, essas sociedades não tinham nenhuma relação com o imperialismo secular: os missionários eram enviados à Europa ou à América, assim como à África somente com o objetivo de pregar o Evangelho (Hill, 2009, p. 374).

.Olupona também tem informações sobre a ida desses missionários para a África:

Em meados do século XVIII, filantropos europeus estavam escrevendo extensivamente sobre os males da escravidão, e começaram a intervir de forma ativa para acabar com o tráfico escravista. Como parte do mesmo impulso para melhorar a vida dos africanos, uma enxurrada de missionários cristãos começou a chegar às costas da África e possivelmente nunca mais pararam de chegar desde então. Esses missionários diferiram dos esforços evangelizadores anteriores, pois eram independentes em larga medida e não traziam junto comerciantes, embaixadores ou mercadores escravistas. (2023, p. 126).

.Serra Leoa e Libéria foram países fundados, respectivamente pela Inglaterra e pelos Estados Unidos para repatriar escravizados libertos à África, ainda que estes não fossem seus países de origem e foram nesses países onde mais trabalharam essas sociedades missionárias ao longo do século XIX, as americanas na Libéria e as inglesas em Serra Leoa. A cristianização de Serra Leoa foi, em grande parte, realizado por escravos libertos que desejavam levar o cristianismo a seu país de origem. Foi lá que, em 1827, a CMS fundou a primeira faculdade de estilo europeu, o Fourah Bay College. Inicialmente criada para treinar missionários, ela passou a ser uma faculdade completa através da filiação à Universidade de Durham, na Inglaterra. Foi de lá que saiu o primeiro bispo anglicano africano, Samuel Ajayi Crowther, em 1864 (Olupona, 2023, p. 126/127).

O mesmo autor prossegue, afirmando com essa introdução das formas ocidentais de educação o cristianismo colonial se transformou, se adaptando aos objetivos coloniais e criando “*uma nova classe de elite cristã*” que serviu aos interesses administrativos de domínio indireto da Inglaterra até que, depois da independência conseguida no século XX, essa elite se tornou frequentemente a classe governante do país (p.127/128).

Para Desmond Tutu, esse sistema trouxe graves consequências para a população pobre da África: “*Dói ter que admitir que há menos liberdade de expressão na maior parte da África independente do que havia durante o malfadado período colonial*” (2012, p.79).

E ele continua:

Acredito que a Igreja na África deve se comprometer com a causa da libertação.

[...] Essa necessidade é ainda mais evidente no caso da África do Sul mas continua verdadeira para muitos da África Independente para quem toda a mudança parece ter ocorrido apenas na cor da pele do opressor, uma vez que o rico se torna cada vez mais rico e o pobre cada vez mais pobre (2012, p. 80)

.Tanto Olupona em seu livro (p. 130), quanto Chimamanda em sua entrevista, falam da doutrina propagada por algumas Igrejas Pentecostais, de que a prosperidade financeira é sinal da graça de Deus. Na prática, isso favorece a crença de que pessoas ricas são abençoadas e as pobres não, o que frequentemente causa uma aceitação das desigualdades sociais.

.Por outro lado, em função de todas essas transformações, começaram a surgir na África subsaariana várias igrejas cristãs fundadas por africanos e, com frequência, por africanas, que se desvincularam de sua origem europeia ou americana. Sua fundação, por conta “*das diferenças oriundas da decisão de acomodar as necessidades existenciais e espirituais africanas*”, gerou

conflito com as Igrejas matrizes. Elas são hoje conhecidas como Igrejas Independentes Africanas (African Independent Churches – AIC) e, segundo Olupona, esse foi “o movimento cristão mais criativo e vibrante da história da África, pois ele tem levado a muitas conversões” (p. 129).

Essas Igrejas tomam a cosmologia africana a sério e fazem grandes esforços para enraizar suas teologias em termos e práticas que fazem sentido aos africanos. Além disso, tendem a colocar uma ênfase igual ou maior nas escrituras hebraicas, entendendo-as como uma fonte de crenças em profecias. [...] Como regra, suas práticas litúrgicas combinam tanto rituais nativos africanos quanto as tradições cristãs. [...] Ironicamente, essas mesmas Igrejas africanas rejeitam as práticas religiosas nativas, considerando-as pagãs. Assim, existe uma ambiguidade marcante em relação à textura das religiões africanas dentro das Igrejas proféticas (Olupona, 2023, p. 129/130).

Conclusões, considerações e críticas finais.

Quando Chimamanda Ngozi Adichie respondeu à segunda pergunta que tratava do tema religião, na entrevista do programa Roda Viva, disse que considerava a Igreja Católica americana, muito politizada porque os padres aconselhavam as pessoas a não votar em candidatos favoráveis ao aborto. Considero isso um grande engano. A postura contra o aborto tem razões teológicas mas ela de fato é transformada em apelo político quando padres tomam partido de candidatos. Isso, todavia, não torna a Igreja politizada até porque foi nos Estados Unidos que aconteceram o maior número conhecido de casos de pedofilia entre o clero, que foram negligenciados pelo então papa Bento XVI numa atitude que, certamente, não é “politicamente correta”. Mas não é sobre isso que realmente quero falar.

A opinião, a meu ver equivocada, de uma ativista feminista reconhecida no mundo todo, mostra o quanto a colonização da África ainda está em andamento por mais que atividades descolonizadoras, contracolonizadoras ou qualquer outro nome que se possa dar a movimentos em prol de uma identidade genuinamente africana, estejam em evidência, atuando das mais diversas formas para levar os africanos às suas origens.

Considerar que as religiões tradicionais africanas com seus ritos e mitos eram atrasadas, fetichistas, diabólicas e maléficas foi uma atitude comum não só ao cristianismo colonizador, que chegou com força no século XIX, mas também no Islamismo que *reverteu*¹⁵ grande parte da África desde o século XIII. De fato, *o Cristianismo e o Islamismo estão presentes no continente africano há quase tanto tempo quanto foram criados* (Olupona, 2023, p. 117).

Depois de tantos séculos, esse preconceito e discriminação parecem ter sido introjetados e assumidos por grande parte dos africanos convertidos ao cristianismo (e ao islamismo).

Desmond Tutu, também trata dessa vergonha introjetada por séculos de desvalorização da negritude.

Quando isso acontece por um longo tempo, não tarda até que um indivíduo negro comece a se perguntar se não é mesmo do jeito como é descrito. Esse indivíduo começa, no fundo, a questionar a própria humanidade. (2012, p. 131)

¹⁵ Para o Islã, a conversão ao Islamismo é uma reversão já que todo ser humano nasce naturalmente Islâmico, mesmo que viva em outra religião.

Tutu continua, propondo uma “teologia negra”, como alternativa a uma teologia anglo-saxônica “A teologia negra é um repúdio a essa arrogância ocidental [...] A teologia anglo-saxônica tende a proclamar uma universalidade que jamais conseguirá ter” (2012, p. 133).

A teologia negra é uma teologia engajada, não uma teologia acadêmica e distante. É uma teologia visceral, baseada nas preocupações reais, nos assuntos vitais para o negro. [...] A teologia negra procura fazer sentido a partir das experiências de vida do negro, que consiste basicamente no sofrimento nas mãos do racismo branco e procura compreender tal situação à luz do que Deus disse sobre si mesmo, sobre o homem e sobre o mundo com a Palavra definitiva. A teologia negra investiga se é possível ser negro e continuar a ser cristão; ela trata de se perguntar de que lado está Deus; trata de se preocupar com a humanização das pessoas, porque aqueles que roubam nossa humanidade desumanizam-se a si mesmos (Tutu, 2012, p.134, 135).

A África foi explorada em sua mão de obra durante os mais de 300 anos de escravidão Atlântica promovida pelos europeus e outros tantos séculos de escravidão Islâmica, simultânea, nas margens do Mediterrâneo e Índico. Depois foi explorada pela invasão dos europeus que a repararam como bem queriam e extraíram suas riquezas indiscriminadamente.

Figura 2 – Sem título.



Fonte: <https://www.pngarts.com/pt/explore/171028>

O cristianismo que veio com essa colonização a partir do século XIX, foi trazido, majoritariamente, por americanos e ingleses. Povos que apagaram todos os traços da cultura africana trazida pelos escravizados e os transformaram num tipo de cristão que tinham o livro do Êxodo

como referência pela luta por liberdade, expressa, por exemplo, na música “Go down Moses – Let my people go” um “spiritual” do fim do século XIX¹⁶.

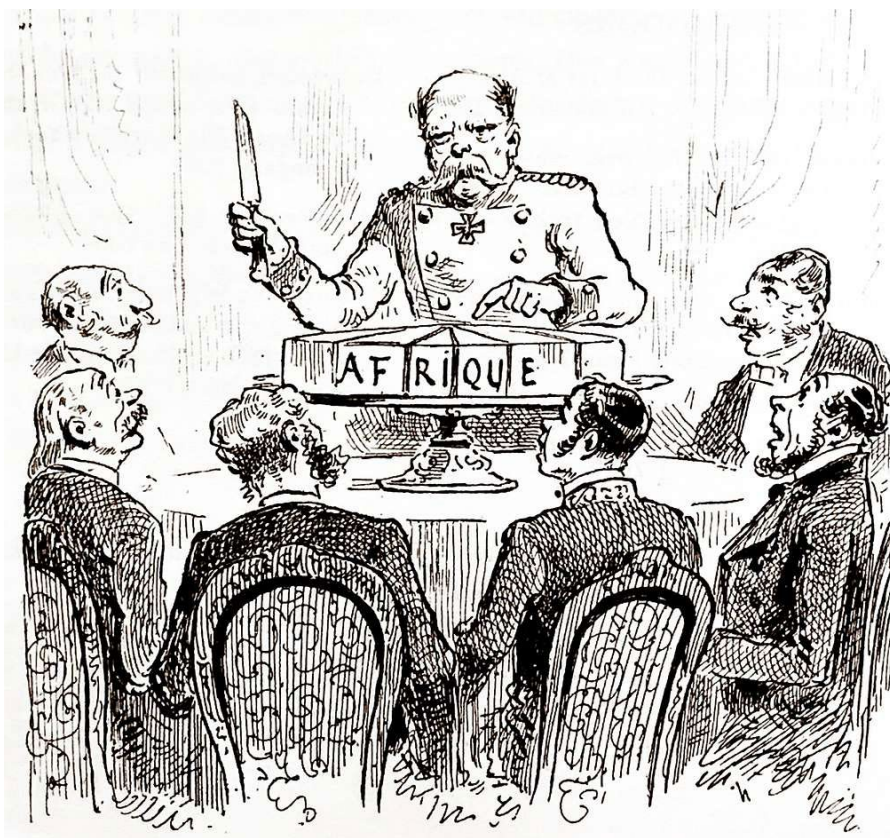
Parte desses africanos e seus descendentes, libertos e repatriados, também é responsável pelo que acontece no cristianismo da África hoje.

As Igrejas Independentes Cristãs – AIC, que estão surgindo mais recentemente, como foi apresentado no texto, paradoxalmente, têm tentado retornar a uma origem africana e, simultaneamente, desprezando ritos e mitos das religiões originárias, o que certamente ainda é fruto desse colonialismo presente até hoje, citado enfaticamente pelo bispo Desmond Tutu.

Não é proposta desse texto e nem seria correto, julgar o que acontece com o cristianismo africano hoje que, certamente, é uma mescla de interpretações, absorções, imposições e complexas negociações que aconteceram desde os primeiros séculos da nossa era.

Levando em conta que nunca houve, verdadeiramente, um só cristianismo no mundo, o que acontece hoje na África poderia ser entendido como o contínuo e normal desenrolar da história de uma religião que começou despreziosamente, propondo uma forma diferente de ser judeu?

Figura 3 – Ilustração, não creditada, publicada em 3 de janeiro de 1885 na revista francesa “L’illustration”, representando a Conferência de Berlim.



Fonte: Domínio Público.

¹⁶ Magistralmente interpretada por Louis Armstrong - <https://www.youtube.com/watch?v=y3EQnxswwl>.

Toda essa grande confusão pode ser atribuída a um capitalismo predatório que começou com a escravidão e cresceu até o colonialismo que dividiu as fronteiras da África conforme os interesses do colonizadores¹⁷ (invasores) e abandonou princípios nos quais o cristianismo foi edificado?

Perguntas, aqui retóricas, que poderiam estar no início deste texto, ou melhor, no de um outro que se dedicasse especificamente a respondê-las.

¹⁷ A Conferência de Berlim foi realizada entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885, na Alemanha e foi uma reunião entre países para dividir o continente africano.

REFERÊNCIAS

- FARIAS, Juliana Barreto; LIMA, Ivana Stolze; RODRIGUES, Aldair (orgs.). **A Diáspora Mina**: Africanos entre o golfo do Benim e o Brasil. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2020.
- GABRA, Gawdat, LOON, Gertrude J.M van. **The churches of Egypt**: From the Journey of the Holy Family to the present day. Cairo: The American University in Cairo, 2012.
- HILL, Jonathan. **História do Cristianismo**. São Paulo: Edições Rosari, 2009.
- ODEN, Thomas C. **Quão africano é o Cristianismo**. São Paulo: Editora Quitanda, 2022.
- OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Devoção negra**: santos pretos e catequese no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2008.
- OLUPONA, Jacob K. **Religiões africanas**: Uma brevíssima introdução. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.
- ROUILLARD, Philippe. **História da penitência**: das origens aos nossos dias. São Paulo: Paulus, 1999.
- SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil escravista**: História da festa de coroação do rei Congo – Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- TUTU, Desmond M. **Deus não é cristão**: e outras provocações. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

Referências digitais

- COUTO, Manuel José Gonçalves. **Missão Abreviada**. Porto, Portugal: Sexta edição digitalizada. Disponível em: <https://archive.org/details/MissaoAbreviadaDigitalizada/mode/2up>.
- Programa Roda Viva** – Entrevista com Chimamanda Ngozi Adichie em 14/06/2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pxe92zWOot>.